

SEMANA FARROUPILHA 2002

BALANÇO E APRENDIZADO

As comemorações da SEMANA FARROUPILHA ocorrem desde 1947 quando foi realizada a primeira “Ronda Gaúcha” no Colégio Júlio de Castilhos, mas ganhou oficialidade em 1964 pela Lei 4.850, cuja regulamentação é dada pelo Decreto 33.224 de 1989. Todas as festividades são realizadas em memória dos heróis farrapos.

O Movimento Tradicionalista Gaúcho – MTG, é o maior responsável pelas atividades realizadas em todo o Estado, mas participam da organização, em cada município, as prefeituras municipais, a Brigada Militar e o Governo do Estado através da Fundação IGTF e da Secretaria de Educação.

A cada ano crescem as comemorações com acampamentos, que se estendem por mais de 20 dias, desfiles, apresentações artísticas, provas campeiras, seminários, palestras, cavalgadas, etc.

Neste ano de 2002 as atividades iniciaram em Santa Maria, no dia 23 de agosto com o acendimento da Chama Crioula. Inúmeras cavalgadas percorreram o Estado distribuindo centelhas da Chama, que permaneceram acesas nas praças, galpões, escolas, estabelecimentos públicos e, simbolicamente, dentro de cada gaúcho, até a meia noite do dia 20.

Em Porto Alegre a Chama crioula chegou, no dia 13 de setembro. Centelhas foram acesas nos Palácios Piratini e Farroupilha, na Usina do Gazômetro, no Monumento a Bento Gonçalves, na Grande Loja Maçônica e no Centro Administrativo do Estado. Todas estas atividades envolveram muitos tradicionalistas, todos anônimos, sem qualquer promoção pessoal ou de organizações. Predominou o espírito cívico.

O Acampamento Farroupilha no Parque Maurício Sirotsky Sobrinho (Harmonia) foi o melhor dos últimos anos. Mais de 3.000 pessoas permaneceram acampadas por 23 dias e mais de 400.000 pessoas visitaram o acampamento. Entre 10 e 22 de setembro foram realizados mais de 50 espetáculos artístico-musicais. Mais de 10.000 alunos visitaram o local. Os problemas enfrentados foram poucos se percebermos que se trata de um local aberto onde qualquer pessoa pode entrar e sair livremente.

O Desfile Tradicionalista, realizado no dia 20 na capital, contou com mais de 3.000 cavaleiros, mais de 100 carros alegóricos e um total de 4.000 pessoas

passaram pela avenida, acompanhados por 30.000 espectadores. As entidades inscritas (total de 109) desfilaram e todos os seus associados ou simpatizantes que desejaram estiveram na avenida, de a cavalo ou embarcados.

Tive a oportunidade de visitar inúmeras cidades do estado e de sentir de perto a efervescência nas praças, ruas e, especialmente, nos galpões dos Centros de Tradições Gaúchas. Gente de todas as idades, credos, cores, ideologias e classes sociais, privando dos mesmos ambientes, bebendo o mesmo mate, cultuando a mesma tradição e sentindo orgulho de ser gaúcho.

Também li artigos escritos por pessoas que contestam a história, que negam o fato social, que acusam os tradicionalistas de serem inventores de uma tradição e de um folclore imaginário e não real, desconhecendo o momento histórico em que vivemos. Há inúmeros indicativos de que estamos no fim de uma era. A modernidade está dando lugar à pós-modernidade e temos convicção de que o movimento tradicionalista organizado faz parte desse processo histórico. Não podemos negar aquilo que é visível, palpável e mensurável. É lógico que os tradicionalistas têm no sentimento, na criação imaginária e no fato folclórico a sua fundamentação. Daí, no entanto, negar a existência de uma consciência social formada ao longo dos anos, negar a construção de uma sociedade típica sem similar conhecido e negar o direito de oferecer uma alternativa para a construção de uma sociedade mais ética e igualitária, há uma diferença astronômica.

No dia 21 de setembro, sábado à tarde, viajava de Caxias do Sul para Dom Pedrito. Pelas quatro da tarde deixava para trás a região das colônias e já ampliava a visão pelas planuras da campanha sulcada pela BR-290. Pus-me a imaginar farrapos e imperiais, chimangos e maragatos, brigadianos e paisanos, em cargas de cavalaria ou em astuciosas movimentações guerrilheiras. Imaginei homens lutando sem saber porquê. E as mulheres? Ficavam nas estâncias, nos galpões, nos casebres, criando filhos, cuidando dos velhos e não permitindo que a vida se esvaísse ou seguiam com os exércitos. Abnegadas e corajosas vivandeiras. Mais do que justa a homenagem que fizemos a todas as mulheres desta terra. Chamaram-me à atenção os ipês amarelos e roxos que emolduravam o caminho negro de asfalto, sem folhas, mas repletos de vida.

As críticas dirigidas ao MTG são compreendidas como contribuições para que possamos fazer melhor. Só não podemos aceitar o proselitismo político e a busca de projeção ou de benefícios pessoas usando o tradicionalismo gaúcho organizado. Alguns episódios ocorridos neste ano e que ganharam as manchetes nacionais devem servir para reflexão. É exagerada a crítica que se faz à mídia que destacou muito mais as coisas ruins do que as boas. A mídia reflete o gosto da população, ela dá espaço e destaque aquilo que a sociedade deseja ver e ouvir. Não compreendemos mas devemos aceitar o fato de que o destaque não foram as 400 mil pessoas que compareceram ao Parque da Harmonia em Porto Alegre sem enfrentar qualquer dificuldade. O destaque foi uma pessoa que enfrentou dificuldades depois de claramente fazer provocações públicas. Quatro mil pessoas desfilaram sem problemas, somente um cidadão, que não era convidado, que não pertence a qualquer

das entidades participantes, que não estava inscrito para o desfile, que se infiltrou, que desfraldou uma bandeira estranha ao evento sofreu as conseqüências do seu ato. A ação reativa, mesmo que condenável era previsível. Todos sabiam disso, inclusive a mídia que deu ampla cobertura a todo o episódio.

O MTG após fazer um balanço da Semana Farroupilha, de analisar as coisas boas e ruins, conclui que a sociedade gaúcha pode se orgulhar do seu espírito cívico, de seu amor à terra, da consciência de si mesma e das mulheres que ao longo dos anos deram exemplo de trabalho e de dedicação.

Manoelito Carlos Savaris
Presidente do MTG